

"Eu AMEI este livro! Um romance tocante, engraçado e de tirar o fôlego."
— Ali Hazelwood, autora de A hipótese do amor

intrínseca



O AMOR NÃO



MORREU



Ashley Poston

O AMOR NÃO MORREU

Ashley Poston

Tradução de
Ana Rodrigues e Laura Pohl



Copyright © 2022 by Ashley Poston
Publicado mediante acordo com Baror International, Inc., Armonk, Nova York,
Estados Unidos.

TÍTULO ORIGINAL
The Dead Romantics

COPIDESQUE
Stella Carneiro

REVISÃO
Rayana Faria
Thais Entriel

DIAGRAMAÇÃO
Juliana Brandt

DESIGN E ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Vi-An Nguyen

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira | Equatorium Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P89a

Poston, Ashley
O amor não morreu / Ashley Poston ; tradução Ana Rodrigues,
Laura Pohl. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.

Tradução de: The dead romantics
ISBN 978-65-5560-587-7



1. Romance americano. I. Rodrigues, Ana. II. Pohl, Laura. III. Título.

22-79382

CDD: 813
CDU: 82-31(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2022]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

*Para todas as autoras e todos os autores
que pediram que acreditássemos no
“E foram felizes para sempre”*

Uma história enterrada

NO CANTO ESQUERDO dos fundos da Funerária Dias Passados, embaixo de uma tábua solta do piso, havia uma caixa de metal com vários diários antigos. Para qualquer um que os encontrasse, aqueles escritos juvenis teriam parecido o desabafo das frustrações sexuais de alguma adolescente com o vampiro Lestat ou com aquele cara do *Arquivo X*.

E, se você não se importasse em ler sobre fantasmas e vampiros, ou sobre pactos de sangue, calças de couro e amor verdadeiro, as histórias eram bastante boas.

Você poderia se perguntar por que alguém esconderia diários cheios de fãfics eróticas embaixo de uma tábua no piso de uma funerária antiquíssima, mas nunca questione a mente de uma adolescente. Você não conseguiria chegar muito longe.

Eu os escondi lá porque... ah, só escondi, tá bem? Porque, quando fui embora para a universidade, quis enterrar uma parte de mim — aquele lado sombrio e esquisito, meio Família Addams —, e que lugar seria mais adequado para isso do que uma funerária?

E na verdade quase consegui.

1



A ghostwriter

TODA BOA HISTÓRIA tem alguns segredos.

Pelo menos foi o que me disseram. Às vezes, são segredos sobre amor, família, assassinatos — e alguns são tão insignificantes que mal parecem segredos, embora sejam imensos para a pessoa que os guarda. Todo mundo tem um segredo. Todo segredo tem uma história.

E, na minha cabeça, toda história tem um final feliz.

Se eu fosse a heroína de uma história, diria a você que tinha três segredos.

O primeiro: não lavava o meu cabelo havia quatro dias.

Segundo: a minha família era dona de uma funerária.

E terceiro: eu era a ghostwriter, a “escritora fantasma”, por trás de Ann Nichols, a autora best-seller aclamada pela crítica.

E estava *tremendamente* atrasada para uma reunião.

— Segura a porta! — gritei, enquanto driblava o pessoal da segurança no balcão da recepção e disparava em direção aos elevadores.

— Senhorita! — gritou o segurança, perplexo, ao me ver passar direto. — Precisa registrar sua entrada! Não pode simplesmente...

— Florence Day! Estou indo para a editora Falcon House Publishers! Pode ligar para a Erin que ela vai me autorizar! — gritei por cima do ombro e entrei em um dos elevadores, segurando um cacto.

Enquanto as portas se fechavam, um homem grisalho, usando um terno elegante, ficou olhando para a planta em questão.

— Um presente para alegrar o meu novo editor — disse a ele, porque eu não era o tipo de pessoa que fica carregando pequenas suculentas por aí. — Deus sabe que isso não é para mim. Eu mato tudo o que toco, incluindo três cactos que já se foram.

O homem levou a mão à boca para abafar uma tosse constrangida e se virou em outra direção. A mulher do outro lado disse, como se para me consolar:

— Esse é lindo, meu bem.

O que significava que era um péssimo presente. Bem, eu sabia disso, mas tinha passado tempo demais presa na plataforma, esperando pelo trem B, e estava tendo um leve ataque de pânico enquanto falava com o meu irmão ao telefone, quando uma senhora com bobes no cabelo passou por mim vendendo cactos por um dólar cada, e eu sou o tipo de pessoa que compra coisas quando está nervosa. Principalmente livros, mas... acho que agora também compro plantas.

O cara de terno saiu do elevador no vigésimo andar, e a mulher que tinha segurado a porta para mim desceu no vigésimo sétimo. Aproveitei para dar uma espiada no mundo deles antes de as portas voltarem a se fechar — carpetes brancos imaculados, ou pisos de madeira encerados e redomas de vidro onde descansavam livros antigos. Havia algumas editoras naquele prédio, tanto de e-books quanto de livros físicos, e até mesmo uma redação de jornal em

um dos andares. Eu poderia ter estado no elevador com a editora da *Nora Roberts* sem nem saber.

Sempre que ia ao escritório, percebia nitidamente a maneira como as pessoas me enxergavam — usando sapatilhas que rangem, meia-calça rasgada e um casaco xadrez grande demais para mim —, e chegava à conclusão de que *definitivamente* não estava à altura daquele lugar.

O que era... justo. Tenho cerca de um metro e cinquenta e oito de altura, e tudo o que eu usava era comprado pensando no conforto e não no estilo. Rose, com quem eu dividia apartamento, gostava de brincar dizendo que eu era uma mulher de oitenta anos presa no corpo de uma de vinte e oito.

Às vezes era assim que eu me sentia.

Afinal, por que eu saíria para me divertir se podia ficar em casa com meu travesseiro ortopédico e meu copo de suplemento alimentar?

Quando as portas do elevador se abriram no trigésimo sétimo andar, eu estava sozinha, agarrando o meu cacto como se fosse um colete salva-vidas. Os escritórios da Falcon House Publishers eram brancos e impecáveis, com duas estantes fluorescentes de cada lado da entrada, expondo todos os best-sellers e obras-primas literárias já publicados em seus setenta e cinco anos de história.

Pelo menos metade da parede esquerda estava coberta por livros de Ann Nichols — *A filha do morador do mar*, *A floresta dos sonhos*, *A casa eterna*. Obras pelas quais minha mãe suspirava quando eu era uma adolescente escrevendo fanfics eróticas do Lestat. Perto desses estavam os livros mais recentes de Ann — *A probabilidade do amor*, *Guia de um canalha para conquistar a garota* (tenho o maior orgulho desse título) e *O beijo na matinê da meia-noite*. O vidro refletia o meu rosto na capa dos livros, uma jovem pálida que precisava muito dormir, com o cabelo loiro preso em um coque bagun-

çado e olheiras embaixo dos olhos castanhos, usando um cachecol colorido e um suéter bege grande demais que me fazia parecer a convidada do mês do Clube de Tricô e não de uma das mais respeitadas editoras do mundo.

Tecnicamente, não era *eu* a convidada ali, e sim Ann Nichols, e eu era o que todo mundo achava ser a assistente dela.

E tinha uma reunião para participar.

Fiquei parada no saguão, constrangida, com o cacto pressionado contra o peito, enquanto a recepcionista de cabelo escuro, Erin, erguia um dedo, pedindo que eu esperasse, enquanto terminava uma ligação. Algo sobre salada para o almoço. Quando finalmente desligou, levantou os olhos da tela e me reconheceu.

— Florence! — cumprimentou ela, com um sorriso radiante. — Que bom ver você inteira! Como está a Rose? Aquela festa ontem à noite foi *intensa*.

Tentei não parecer sem jeito ao pensar em Rose entrando em casa cambaleando às três da manhã.

— Realmente, foi impressionante.

— Ela ainda está viva?

— Rose já sobreviveu a coisas piores.

Erin riu. Então olhou ao redor do saguão, como se estivesse procurando por mais alguém.

— A sra. Nichols não vem hoje?

— Ah, não, ela ainda está no Maine, fazendo... as coisas que ela faz no Maine.

Erin balançou a cabeça.

— Eu fico me perguntando como deve ser, sabe? Ser as Ann Nichols e os Stephen Kings do mundo.

— Deve ser ótimo — concordei.

Ann Nichols não deixava a sua pequena ilha no Maine havia... cinco anos? Desde que eu era a ghostwriter dela, pelo menos.

Puxei para baixo o cachecol colorido que estava enrolado ao redor da minha boca e do meu pescoço. Apesar de não ser mais inverno, Nova York sempre tinha uma última onda de frio antes da primavera — e a deste ano devia ser justo naquele dia —, mas eu estava começando a suar de nervoso embaixo do casaco.

— Algum dia — acrescentou Erin —, você vai me contar como se tornou assistente *da* Ann Nichols.

Eu ri.

— Eu já te contei... foi por um anúncio nos classificados.

— Não acredito.

Dei de ombros.

— *C'est la vie.*

Erin era um pouco mais nova do que eu, e tinha seu diploma em produção editorial pela Universidade Columbia orgulhosamente exposto em cima da mesa. Rose a conhecera um tempo antes em um aplicativo de encontros, e as duas saíram algumas vezes, embora, naquele momento, até onde eu sabia, fossem apenas amigas.

O telefone começou a tocar na mesa e Erin disse rapidamente:

— Enfim, pode entrar... ainda se lembra do caminho, não é?

— Com certeza.

— Perfeito. Boa sorte! — acrescentou ela, e atendeu ao telefone em sua melhor voz de recepcionista. — Bom dia! Você ligou para a Falcon House Publishers, aqui é a Erin...

E fui deixada por minha conta.

Eu sabia aonde ir, porque havia visitado a antiga editora de Ann o suficiente para conseguir andar de olhos fechados pelos corredores. Tabitha Margraves tinha se aposentado recentemente, no *pior* momento possível, e quanto mais eu me aproximava do escritório, com mais força segurava o pobre cacto.

Tabitha sabia que eu era a ghostwriter de Ann. Ela e a agente de Ann eram as únicas que sabiam — bem, além de Rose, mas ela não

contava. Será que Tabitha tinha contado aquele segredinho para o meu novo editor? Nossa, eu esperava muito que sim... Caso contrário, aquele seria um primeiro encontro bastante constrangedor.

O corredor tinha paredes de vidro fosco, que supostamente deveriam garantir privacidade, mas que não cumpriam de forma alguma essa função. Ouvi editores, profissionais do marketing e da assessoria de imprensa conversando aos sussurros sobre aquisições, ações publicitárias, obrigações contratuais, turnês... sobre realocar verba do orçamento de um livro para outro.

Detalhes do mercado editorial sobre os quais ninguém gostava de falar.

A ideia de fazer parte do mundo editorial era muito romântica até que você se descobrisse *no* mundo editorial. Então, se tornava apenas outro tipo de inferno corporativo.

Passei por alguns assistentes editoriais sentados nos seus cubículos, com originais empilhados quase até o topo das suas meias-paredes, parecendo esgotados enquanto almoçavam cenouras e homus. As encomendas de saladas que Erin fazia provavelmente não os incluíam — não que assistentes editoriais ganhassem o suficiente para se permitirem comer fora todo dia. Os escritórios estavam distribuídos seguindo uma espécie de hierarquia e, quanto mais adiante, mais alto era o salário. No fim do corredor, quase não reconheci o escritório. Já não se via mais a guirlanda de flores pendurada na porta para garantir boa sorte, nem os adesivos colados na parede de vidro fosco onde se lia NÃO TENTE, FAÇA! e O AMOR NÃO MORREU!.

Por um instante, achei que tinha errado o caminho, até reconhecer a estagiária em seu cubículo, enfiando provas antecipadas para leitura crítica — que são basicamente versões preliminares de um livro — em envelopes, com uma pressa frenética que beirava as lágrimas.

Meu novo editor nem hesitou em se livrar de todos aqueles adesivos e da guirlanda da sorte. Eu não sabia se aquilo era bom ou mau sinal.

Durante seus últimos dias na Falcon House, Tabitha Margraves e eu discordávamos com frequência.

— Histórias de amor *acreditam* em finais felizes. Diga isso pra *Ann* — falava Tabitha, irônica, porque, na prática, eu era *Ann*.

— Ora, a *Ann* não acredita mais — retrucava.

Quando Tabitha se aposentou e se mudou para a Flórida, tenho certeza de que ambas estávamos planejando a morte uma da outra. Ela ainda acreditava em amor... de algum modo, por mais incrível que pudesse parecer.

E eu já sabia muito bem que o amor era uma mentira.

Amor é aguentar uma pessoa por cinquenta anos para que ela o enterre quando você morrer. Eu entendia bem disso, afinal, a minha família fazia parte do ramo da morte.

Tabitha me chamava de insensível quando eu dizia essas coisas.

Eu respondia que na verdade era realista.

Existia uma diferença.

Eu me sentei para esperar em uma das duas cadeiras do lado de fora do escritório, com o cacto no colo, e fiquei vendo o Instagram. Minha irmã mais nova tinha postado uma foto dela com o cachorro-prefeito da minha cidade natal — um golden retriever — e senti uma pontada de saudade de casa. Do clima, da funerária, do frango frito maravilhoso da minha mãe.

E me perguntei o que ela iria fazer para o jantar daquela noite.

Como estava perdida em pensamentos, não ouvi a porta do escritório ser aberta até que uma voz distintamente masculina falou:

— Desculpe por fazer você esperar. Por favor, entre.

Eu me levantei com um pulo, surpresa. Será que tinha ido para o escritório errado? Chequei os cubículos ao redor — a estagiária workaholic de cabelo castanho enfiando provas antecipadas em envelopes à esquerda, o diretor de RH chorando diante da salada à direita —, não, com certeza aquele era o escritório certo.

O homem pigarreou, esperando impaciente.

Abraçei o cacto com tanta força junto ao peito que consegui sentir o vaso começando a rachar com a pressão, e entrei no escritório.

Fiquei paralisada.

O homem em questão se sentou na cadeira de couro que por trinta e cinco anos (mais tempo do que ele tinha de vida, pensei) havia sido ocupada por Tabitha Margraves. A mesa, antes cheia de bibelôs de porcelana e de fotos do cachorro dela, estava agora quase vazia, e toda organizadinha. A mesa refletia quase perfeitamente o homem atrás dela: arrumado demais, usando uma camisa branca social impecável que se esticava nos seus ombros largos, as mangas enroladas até os cotovelos revelando antebraços tão sexy que chegavam a ser intimidantes. Seu rosto era longo e o cabelo preto estava penteado para trás, o que, de algum modo, acentuava o nariz igualmente longo que sustentava os óculos de armação preta e quadrada, e havia uma levíssima camada de sardas espalhadas pelo rosto dele: uma perto da narina direita, duas nas bochechas, uma logo acima da espessa sobrancelha direita. Uma constelação. Por um momento, quis pegar uma caneta e conectá-las para ver que mito o desenho formaria. No instante seguinte, cheguei rapidamente à conclusão de que...

Nossa.

Ele era gato. E eu já o vira antes. Em eventos do mercado editorial, com a Rose ou com o meu ex-namorado. Não conseguia ligar

nenhum nome à pessoa, mas com certeza já esbarrara nele mais de uma vez. Prendi a respiração, me perguntando se ele teria me reconhecido... *Será?*

Por um segundo, achei que sim, porque os olhos do homem se arregalaram ligeiramente — foi um movimento mínimo, mas o bastante para que eu desconfiasse que ele sabia *de alguma coisa* —, antes de sua expressão voltar rapidamente ao normal.

Ele pigarreou.

— Você deve ser a assistente de Ann Nichols — disse sem pestanejar.

Então, se levantou e deu a volta na mesa para me cumprimentar. Era um homem... *enorme*. Tão alto que subitamente me senti transportada para uma versão inédita de *João e o pé de feijão*, onde ele era um pé de feijão muito interessante que eu queria muito, *muito*, escalar...

Não. Não, Florence. Menina má, me repreendi. Você não quer escalar esse homem de jeito nenhum, ele é o seu novo editor e, por isso, é muito, incrivelmente, estupendamente, inescalável.

— Florence Day — falei, apertando a mão estendida. A mão dele envolveu quase completamente a minha em um aperto forte.

— Benji Andor, mas pode me chamar de Ben — apresentou-se ele.

— Florence — repeti, chocada por ainda conseguir fazer alguma coisa que não fosse guinchar.

Os cantos dos lábios dele se curvaram.

— Como você disse.

Recolhi rapidamente a mão, constrangida.

— Ah, *Deus*. Pois é... desculpe.

Eu me sentei com um pouco de força demais em uma cadeira desconfortável da IKEA, com o cacto plantado com firmeza sobre meus joelhos. O meu rosto estava *em chamas*, e se eu conseguia

sentir isso, sabia sem sombra de dúvidas que Ben podia ver que eu estava corada.

Ele se sentou de novo e ajeitou uma caneta em cima da mesa.

— É um prazer conhecê-la. Peço desculpas pela demora, o metrô estava um inferno de manhã. Erin vive me dizendo para não pegar o trem B e ainda assim sou um idiota que continua fazendo isso.

— Ou um masoquista — acrescentei antes de conseguir me conter.

Ele riu.

— Quem sabe as duas coisas.

Mordi a parte interna da boca para conter um sorriso. Ele tinha uma bela risada — profunda e rouca, como um trovão.

Ah, *não*, aquilo definitivamente não estava saindo como eu tinha planejado.

Ele gostou de mim, e em cerca de cinco minutos já deixaria de gostar. Nem eu gostava de mim mesma quando pensava no que estava fazendo ali — por que achei que um *cacto* de presente tornaria aquilo mais fácil?

Ben puxou a cadeira para a frente e endireitou uma caneta para que ficasse paralelamente horizontal ao teclado. Tudo era organizado no escritório, e tive a distinta sensação de que ele era o tipo de pessoa que, se encontrasse um livro fora do lugar em uma livraria, o devolveria à prateleira correta.

Tudo tinha o seu devido lugar.

Ele era um cara do tipo “bullet journal”, e eu era uma garota do tipo “post-it”.

Na verdade, aquilo talvez fosse bom. Ben parecia ser muito prático, e pessoas práticas raramente eram românticas, assim, eu não receberia um olhar de pena como resposta quando, em algum momento, dissesse a ele que não acreditava mais em livros românticos com finais felizes — Ben provavelmente assentiria muito sério,

compreendendo *exatamente* o que eu queria dizer. E eu preferia *aquilo* a ver Tabitha Margraves me olhando com aqueles olhos escuros e tristes e perguntando “Por que você não acredita mais no amor, Florence?”.

Porque quando colocamos a mão no fogo muitas vezes, aprendemos que assim a gente só se queima.

Meu novo editor se ajeitou na cadeira.

— Lamento saber que a sra. Nichols não conseguiu comparecer hoje. Eu teria adorado conhecê-la — começou ele, me puxando dos meus pensamentos.

Eu me remexi na cadeira.

— Ah, Tabitha não te contou? A Ann nunca sai do Maine. Acho que ela mora em uma ilha ou alguma coisa assim. Parece ser legal... no lugar dela, eu também não iria querer sair de lá. Ovi dizer que o Maine é bonito.

— É, sim! Eu cresci lá — disse ele. — Vi muitos alces. São enormes.

Você tem certeza de que não é metade alce?, perguntou o meu cérebro traiçoeiro, e repreendi a mim mesma porque aquilo era *muito* errado e *muito* ruim.

— Imagino que eles tenham preparado você para os ratos de Nova York.

Ele riu de novo, dessa vez surpreendendo a si mesmo, abrindo um sorriso glorioso e branquíssimo. Um sorriso que chegava aos olhos, transformando o castanho em um chocolate derretido.

— Nada teria sido capaz de me preparar para isso. Você já viu os da Union Square? Eu poderia jurar que vi um *jôquei* em cima de um deles.

— Ah, então você não sabia? Temos ótimas corridas de ratos na Eighteenth Street Station.

— Você assiste com frequência?

— Com certeza, é um ba-rato.

— Nossa, você é uma verdadeira lite-rata dos trocadilhos.

Dei uma risada e desviei o olhar — para qualquer coisa que não fosse ele. Porque eu gostava do charme dele, e definitivamente não queria gostar, e detestava decepcionar as pessoas, e...

Ele pigarreou.

— Bem, srta. Day, acho que precisamos conversar sobre o próximo romance da Ann...

Segurei o cacto com mais força no colo. Meus olhos foram de uma parede árida para a outra. Não havia nada naquele escritório para *olhar*. Antes era um lugar cheio de objetos — flores artificiais, fotos e capas de livros cobrindo as paredes —, mas agora a única coisa nas paredes era um diploma emoldurado de mestrado em ficção.

— Tem que ser uma história de amor? — perguntei.

Ele inclinou a cabeça, surpreso.

— Bem, aqui nós publicamos... romances.

— E-eu sei, mas... Nicholas Sparks, por exemplo, escreve livros melancólicos, e John Green escreve livros melodramáticos com pessoas enfrentando problemas de saúde. Você acha que eu... quer dizer, que a *sra. Nichols*... poderia fazer alguma coisa nesse viés, em vez de um romance com final feliz?

Ele ficou em silêncio por um momento.

— Está querendo dizer uma tragédia.

— Ah, não. Ainda seria uma história de amor! Obviamente. Mas uma história de amor em que as coisas não terminariam em um “e foram felizes para sempre” perfeito.

— O nosso negócio é “e foram felizes para sempre” — disse Ben lentamente, escolhendo bem as palavras.

— O que é uma mentira, não é?

Ele franziu os lábios.

— O amor morreu, e isso... tudo isso... parece uma farsa. — Eu me peguei dizendo aquilo antes que meu cérebro aprovasse as palavras, e assim que percebi que havia falado em voz alta, me arrependi. — Quer dizer... essa não é a opinião da Ann, é só o que eu penso.

— E você é a assistente ou a editora dela?

As palavras me atingiram como um tapa. Voltei o olhar para ele e fiquei completamente imóvel. Os olhos de Ben haviam perdido aquele tom morno de ocre e as linhas de riso haviam se apagado, seu rosto agora inexpressivo e sem emoção.

Segurei o cacto com mais força. A planta havia subitamente se tornado minha companheira na guerra. Então Ben não sabia que eu era a ghostwriter de Ann. Tabitha não havia contado, ou se esquecera de fazer isso... tinha lhe escapado, ops! E eu precisaria contar a ele.

Afinal de contas, Ben era o meu editor agora.

Mas uma parte amarga e constrangida de mim não queria fazer aquilo. Eu não queria que ele visse como a minha vida era uma confusão, porque... afinal, como ghostwriter de Ann, ela não deveria ser, não é mesmo? Uma confusão.

Eu não deveria ser melhor do que *aquilo*?

Quando eu era pequena, a minha mãe lia os livros de Ann Nichols e, por causa disso, eu também lia. Quando eu tinha doze anos, escapava para a seção de romances da biblioteca e lia *A flores-ta dos sonhos* quietinha entre as estantes. Eu conhecia a obra completa de Ann de trás para a frente, como se fosse a discografia da minha banda favorita.

E então, me tornei a caneta dela.

Por mais que o nome de Ann estivesse na capa, fui eu que escrevi *A probabilidade do amor*, *O guia de um canalha* e *O beijo na manhã da meia-noite*. Ao longo dos últimos cinco anos, Ann Nichols tinha

me mandado um cheque como pagamento para que eu escrevesse os livros em questão, e foi o que fiz, e as palavras naqueles livros — as minhas palavras — tinham sido elogiadas tanto pelo caderno de literatura do *The New York Times* quanto pela *Vogue*. Aqueles livros estavam nas estantes ao lado de obras de Nora Roberts, Nicholas Sparks e Julia Quinn, e eram meus.

Eu escrevia para uma romancista das grandes — um trabalho que qualquer pessoa *mataria* para ter — e estava... fracassando.

Talvez eu *já tivesse* fracassado. Só estava sacando a última carta que tinha na manga — escrever um livro que fosse tudo, qualquer coisa, menos uma história que terminasse com “e foram felizes para sempre” —, e o editor estava impedindo isso.

— Sr. Andor — comecei, a voz falhando —, a verdade é que...

— Ann precisa entregar o original no prazo combinado — interrompeu ele em um tom frio e prático.

A simpatia de minutos antes se fora. Eu me senti ficando menor a cada instante, me encolhendo naquela cadeira desconfortável da IKEA.

— Isso é amanhã — falei baixinho.

— Sim, amanhã.

— E se... e se ela não conseguir fazer isso?

Ele cerrou os lábios com força. Benji tinha aquele tipo de boca larga que formava uma covinha no meio, demonstrando coisas que a expressão cautelosa do restante do rosto não permitia.

— De quanto tempo ela precisa?

Um ano. Dez anos.

Uma eternidade.

— Hum... bem... um mês? — perguntei esperançosa.

Ele ergueu rapidamente as sobrancelhas escuras.

— De jeito nenhum.

— Essas coisas levam tempo!

— Eu sei disso — retrucou ele, e estremeceu. Benji tirou os óculos para olhar para mim. — Posso ser franco com você?

Não, não mesmo.

— Pode...? — arrisquei.

— Como a Ann já pediu três extensões de prazo, mesmo se recebermos o original amanhã, vamos ter que passá-lo rapidamente por preparadores e diagramadores para ficarmos dentro do cronograma. E isso *se* recebermos amanhã. Esse é o grande livro de outono da Ann. Um romance, veja só, com um final feliz. Essa é a marca registrada dela. Foi isso que contratamos. Já temos a divulgação planejada. Talvez a gente até consiga uma página inteira no *The New York Times*. Estamos fazendo muito por esse livro, e quando insisti com a agente da Ann para falar com ela, a agente acabou me passando para você, a assistente.

Eu conhecia aquela parte da história. Molly Stein, agente de Ann, não tinha ficado muito feliz em receber uma ligação sobre o livro em questão. Ela achava que tudo estava correndo às mil maravilhas. Não tive coragem de refutar aquilo. Molly tinha sido bastante tranquila em relação ao meu trabalho como ghostwriter, principalmente porque eu tinha fechado um acordo para quatro livros, sendo este o último, e ela confiava que eu não faria nenhuma besteira.

Mas ali estava eu.

Não queria nem *imaginar* como Molly daria a notícia à Ann. E não queria pensar em como Ann ficaria desapontada. Só tínhamos nos encontrado uma vez, e eu morria de medo de decepcioná-la. Não queria fazer aquilo.

Eu admirava Ann. E a sensação de falhar com alguém que admiramos... é péssima quando somos criança, e continua sendo péssima depois de adultos.

Benji continuou.

— Seja lá o que estiver impedindo a sra. Nichols de terminar o original do livro, isso se tornou um problema não apenas para mim, mas para os setores de marketing e de produção, e se quisermos manter o cronograma precisamos desse original.

— E-eu sei, mas...

— E se ela não conseguir nos entregar — acrescentou ele —, então lamento, mas teremos que envolver o departamento jurídico na questão.

O departamento jurídico. Aquilo significaria uma quebra de contrato. Significaria que eu tinha estragado as coisas num nível que não haveria mais volta. Eu teria falhado não apenas com Ann, mas também com a editora e com as leitoras e os leitores dela... com todo mundo.

Eu já havia falhado daquele jeito antes.

O escritório começou a ficar menor — ou eu estava tendo um ataque de pânico, e realmente torcia para que fosse a primeira opção. Minha respiração saía em arquejos curtos. Era difícil respirar.

— Srta. Florence? Está se sentindo bem? Parece um pouco pálida — observou ele, mas sua voz parecia vir de um campo de futebol de distância. — Precisa de um copo de água?

Guardei o meu pânico em uma caixinha no fundo da mente, que era onde eu guardava todo o resto. Todas as coisas ruins. Coisas com que eu não queria lidar. Coisas com que eu *não conseguia* lidar. A caixa era útil. Eu deixava tudo fechado ali dentro. E trancava bem. Forcei um sorriso.

— Ah, não. Tudo ok. É só muita coisa para assimilar. E... você está certo. É óbvio que está certo.

Ele pareceu desconfiado.

— Amanhã, então?

— Sim — respondi em uma voz que mais pareceu um grasnado.

— Ótimo. Por favor, diga à sra. Nichols que mando as minhas lembranças e que estou muito feliz por trabalhar com ela. E que, a propósito... isso é um *cacto*? Acabei de reparar.

Baixei os olhos para a suculenta, que esqueci que estava no meu colo enquanto o pânico esmurrava a caixa dentro da minha cabeça, chacoalhando a tranca, tentando se libertar. Pensei que odiava aquele homem e que, se continuasse naquele escritório, acabaria jogando o cacto em cima dele, ou começaria a chorar.

Talvez as duas coisas.

Fiquei de pé rapidamente e coloquei a suculenta na beirada da mesa.

— É um presente.

Então, peguei a minha bolsa, me virei e saí da Falcon House Publishers sem dizer mais uma palavra. Mantive a compostura até sair cambaleando pelas portas giratórias do prédio, para o dia gelado de abril, e só então me permiti desmoronar.

Respirei fundo — e gritei um palavrão diante do céu perfeitamente azul da tarde, assustando um bando de pombos na lateral do prédio.

Precisava de uma bebida.

Não, eu precisava de um *livro*. De um *thriller* de assassinato. Hannibal. Lizzie Borden — qualquer coisa serviria.

Quem sabe precisasse de ambos.

Não, *definitivamente* eu precisava de ambos.

2



O término

NÃO ERA QUE eu não *pudesse* terminar o livro.

Só não sabia como.

Já fazia um ano desde “O término” — todo mundo passa por pelo menos um na vida. Você sabe como é, não sabe? O término de um amor que você achou que duraria para o resto da vida, mas então acabou tendo o seu coração arrancado do peito com violência e deixado em uma bandeja de prata com FODA-SE escrito com ketchup pela pessoa que você amava. Já fazia um ano desde que eu tinha puxado as minhas malas pela chuva, naquela noite de merda em abril, e nunca mais olhara para trás. Aquela não era a parte de que eu me arrependia. *Jamais* me arrependeria de ter acabado tudo com ele.

Eu só me arrependia de ser o tipo de mulher que se apaixonou por alguém como ele.

O tempo se arrastara depois do que acontecera. A princípio, eu havia tentado levantar da cama todo dia, me sentar no sofá com o

meu notebook no colo e escrever, mas não conseguia. Quer dizer, eu *conseguia* — mas cada palavra que escrevia doía como se estivessem me arrancando um dente, e eu apagava todas elas na manhã seguinte.

Era como se em um dia eu soubesse escrever — sabia como seriam as cenas, os primeiros encontros fulminantes e os momentos de arrebatamento, sabia exatamente qual era o sabor do herói quando a heroína o beijava... Então, no dia seguinte, tudo aquilo havia desaparecido. Era como se as palavras tivessem congelado em uma tempestade de neve e eu não soubesse como derretê-las.

Eu não me lembrava do momento em que havia parado de abrir o documento do Word, quando tinha parado de tentar procurar um romance nas entrelinhas. Mas foi o que fiz, e agora estava ali, entre a cruz chamada desespero e a espada chamada Benji Andor.

Passei as mãos distraidamente pelas lombadas dos livros na McNally Jackson, uma livraria no coração do bairro de Nolita. Segui as fileiras de títulos e sobrenomes de autores até o corredor seguinte — romances — e passei rapidamente para o corredor de fantasia e ficção científica. Se eu não olhasse para os romances, então eles não existiriam.

Nunca me imaginei como uma ghostwriter. Na verdade, quando arrumei um agente e vendi o meu primeiro livro, achei que seria convidada para painéis literários e que participaria de eventos... achei que finalmente havia encontrado a porta para o sucesso que alavancaria minha carreira. Mas a porta se fechara com a mesma rapidez com que fora aberta, e recebi um e-mail dizendo “Lamentamos informar...” como se o fracasso do meu livro fosse culpa *minha*. Como se eu, uma mulher com uma quantidade irrisória de seguidores nas redes sociais, sem dinheiro e quase sem contatos, fosse responsável pelo destino de um livro publicado por uma empresa multimilionária, com todos os recursos e contatos a seu dispor.

Talvez *fosse* culpa minha.

Talvez eu não tivesse feito o bastante.

Fosse como fosse, ali estava eu agora, escrevendo para uma romancista que só encontrara uma vez, e prestes a ferrar com aquilo também, se eu não conseguisse terminar o maldito livro. Eu conhecia os personagens — Amelia, uma barista sabe-tudo que sonha em ser jornalista musical, e Jackson, um guitarrista em decadência que foge de qualquer tipo de estabilidade —, dois jovens que decidem tirar férias em uma pequena ilha escocesa e acabam presos um ao outro quando o dono do Airbnb acidentalmente aluga a propriedade para os dois ao mesmo tempo. A ilha é mágica, e o romance entre os protagonistas é tão eletrizante quanto as tempestades que chegam do Atlântico. Até Amelia descobrir que Jackson mentiu sobre seu passado. Porém, ela também esconde algo dele. Apesar de ter sido mesmo uma coincidência os dois reservarem a casa ao mesmo tempo, Amelia aproveita a oportunidade para tentar chegar até o editor da *Rolling Stone*.

E acho que a história bateu demais com a minha própria vida. Como duas pessoas poderiam se reconciliar e confiar uma na outra quando haviam se apaixonado pelas mentiras que contaram?

Que futuro seria esse?

Na última vez em que tentei escrever aquela cena — a da reconciliação, a cena em que os dois se encaram sob uma fria tempestade escocesa, abrem o coração e tentam consertar os estragos —, um raio atingiu Jackson, matando-o na mesma hora.

O que teria sido ótimo se eu fosse uma ghostwriter de histórias de vingança. Mas não era o caso.

Estava começando a dar uma olhada na seção de livros usados de J. D. Robb quando o meu celular vibrou dentro da bolsa. Peguei o aparelho, rezando para não ser Molly, a agente de Ann Nichols.

Não era.

— Ótimo *timing* — falei, quando atendi. — Estou com um problema.

O meu irmão riu.

— Imagino que a sua reunião não tenha corrido bem, certo?

— Definitivamente, não.

— Eu disse que você deveria levar uma orquídea de presente, e não um cacto.

— Não acho que o problema foi a planta, Carver.

Ele soltou uma risadinha debochada.

— Tá certo, tá certo... então qual foi o problema? Ele era gato?

Peguei um livro que *não* pertencia à seção de *thrillers* políticos — *Vermelho, branco e sangue azul*, de Casey McQuiston — e resolvi levá-lo de volta para a seção de romances, à que realmente pertencia.

— Tá bem, temos *dois* problemas.

— Nossa, ele é *tão* gato assim?

— Sabe aquele livro que eu deixei você pegar emprestado? Aquele da Sally Thorne? *O jogo do amor "Ódio"*?

— Alto, moreno, os olhos de um azul que combinava com o papel de parede do quarto dele?

— Exato! Só que os olhos são castanhos. Um castanho tipo *chocolate*.

— Godiva?

— Não, mais como os Kisses da Hershey's derretidos, no seu pior dia de menstruação.

— Ferrou.

— *Sim*, e quando eu me apresentei, falei o meu nome... *duas* vezes.

— Você não fez isso.

Soltei um gemido.

— Fiz! E *aí* ele se recusou a me dar uma nova extensão de prazo para o livro. Tenho que terminar a história. E precisa ter um final feliz.

Carver deu uma gargalhada.

— Ele disse isso?

— Disse.

— Eu não sei se isso me deixa com mais ou menos tesão.

— *Carver!*

— O que foi? Curto um homem que sabe o que quer!

Tive vontade de estrangulá-lo pelo telefone. Carver era o irmão do meio dos filhos da família Day, e o único que sabia que eu trabalhava como ghostwriter — e o fiz *jurar* guardar segredo ou eu publicaria no jornal da cidade a fanfic constrangedora que ele tinha escrito na época da escola, com Hugh Jackman como protagonista. Uma chantagem amigável entre irmãos, muito saudável. Carver só não sabia *para quem* eu escrevia como ghostwriter, mas ele tentava adivinhar o tempo todo.

Fui até a seção de romances, onde homens seminus me encaravam de suas prateleiras, e coloquei o livro de acordo com a ordem alfabética.

— Escuta, eu detesto ser *essa* pessoa — retomou Carter —, mas o que você vai fazer em relação ao manuscrito?

— Não sei — respondi com sinceridade. Os títulos nas prateleiras pareciam ser todos iguais.

— Talvez seja hora de mudar de ramo de novo? — sugeriu ele. — Está na cara que esse bico de ghostwriter não está mais funcionando, e você é boa demais para se esconder atrás da Nora Roberts.

— Não trabalho como ghostwriter da Nora Roberts.

— Você não me contaria mesmo se fosse para ela — argumentou Carver.

— Mas não é ela.

— *Aham.*

— Não é mesmo.

— Nicholas Sparks? Jude Deveraux? Christina Lauren? Ann Nichols?

— O papai está por aí? — interrompi, e o meu olhar encontrou os “Ns” de *Nichols*. Corri os dedos pela lombada de *A floresta dos sonhos*.

Eu podia ouvir Carver franzindo a testa.

— Como você sabia que eu estou na funerária?

— Você só me liga quando tá entediado aí. Não tinha trabalho pra fazer na empresa de tecnologia hoje?

— Eu quis sair mais cedo. Papai está terminando uma reunião com um cliente — acrescentou ele, o que significava que o meu pai estava conversando sobre organização do funeral, caixões e preços com uma pessoa que acabara de perder um ente querido.

— Você já conversou com ele?

— Sobre as dores no peito? Não.

Soltei um murmúrio de desaprovação.

— A mamãe falou que ele continua se recusando a marcar uma consulta com o dr. Martin.

— Você conhece o papai. Ele vai acabar arrumando tempo.

— Acha que a Alice conseguiria fazer uma pressão?

Alice era *muito* boa em conseguir que o nosso pai fizesse coisas que ele não queria fazer. Era nossa irmã caçula, e o tinha na palma da mão de um jeito que a simples *ideia* de aborrecê-la de alguma forma já o faria capturar a lua se fosse preciso. Alice também tinha sido a única que decidira trabalhar no negócio da família. A única que quis fazer isso.

— Já pedi a ela — respondeu Carver. — Eles têm uns três funerais para dar conta nesse fim de semana. Tenho certeza de que papai vai procurar o médico na semana que vem, quando estiver um pouco menos ocupado. E ele está bem. Se qualquer coisa acontecer, a mamãe vai estar por perto.

— Por que ele tem que ser tão *teimoso*?

— Olha quem está falando.

— Ha *ha*. — Peguei dois livros de ficção científica e uma brochura bonita. *O castelo animado*, de Diana Wynne Jones. Comprar livros sempre fazia com que eu me sentisse melhor, mesmo que eu nunca os lesse. — Você pode pelo menos tentar convencer o papai a ir logo ao médico, a não esperar tanto?

— Claro, se você conseguir convencer o homem a tirar um dia de folga do trabalho...

Ao fundo, ouvi meu pai gritar:

— Convencer quem? De quê?

E Carver respondeu, cobrindo o fone para gritar de volta (não que aquilo poupasse os meus tímpanos):

— Nada, velhinho! Vai tomar o seu suplemento! Ei... eu estava brincando... ah, o que foi, mãe? Quer que eu ajude você com alguma coisa? Claro! Estou falando com a sua segunda favorita...

— *Não sou* a segunda favorita — reclamei.

— Tá certo, tchau!

Ouvi uma agitação do outro lado da linha enquanto Carver passava rapidamente o telefone para o meu pai. Eu podia visualizar a cena — meu irmão jogando o celular e meu pai dando um jeito de pegá-lo enquanto tenta bater no braço de Carver. Então, Carver entra em uma das outras salas junto com mamãe, rindo.

Meu pai levou o celular ao ouvido.

— Minha flor! — bradou sua voz poderosa. — Como está a Big Apple?

Meu coração se encheu de alegria ao ouvir o som da voz dele, com o coro da risada de Carver ao fundo. Eu sentia mais saudade da minha família do que gostaria de admitir.

— Está bem.

— Anda comendo bem? Se hidratando?

— Eu é que deveria fazer essas perguntas a *você*. — Saí do corredor onde estava e sentei em um banquinho da livraria, com a bolsa e os livros no colo. — *Velhinho*.

Quase consegui *ouvir* meu pai revirando os olhos.

— Estou *bem*. Esses velhos ossos ainda estão dando conta do recado. E como vai a minha filha mais velha? Já agarrou um bom partido na cidade?

Dei uma risadinha cínica.

— Você sabe que a minha vida é mais do que namorar, pai. Amor não é tudo.

— Como a minha linda filha mais velha se tornou tão amarga? Que tragédia — lamentou ele com um suspiro sentido. — Ela foi feita a partir de ventres carregados de amor.

— Eca, pai.

— Ora, quando eu conheci a sua mãe, fiquei tão louco por ela que...

— Pai.

— ... não saímos do quarto do hotel por três dias. *Três dias!*

— *Pai*.

— Os lábios dela eram como pétalas de rosa frescas...

— Já entendi, já entendi! Só... acho que não estou pronta para um novo relacionamento. Acho que nunca mais.

— O universo pode acabar te surpreendendo.

Por algum motivo, o rosto anguloso do meu novo editor me veio à mente. Claro, até parece. Passei o polegar pelas páginas de um dos livros no meu colo, sentindo-as zumbindo baixinho.

— E como vai o negócio da família?

— Melhor impossível — respondeu o meu pai. — Você se lembra do dr. Cho? O seu dentista?

— Alice me contou que ele faleceu.

— Mas foi um bom funeral. Um dia *lindo* para abril. É sério, o vento dançava por entre as árvores. Foi uma bela despedida — disse ele, então acrescentou em um tom um pouco mais baixo: — Ele me agradeceu depois.

Engoli o nó que apertou a minha garganta, porque qualquer outra pessoa que ouvisse aquilo acharia que meu pai tinha enlouquecido. Talvez ele fosse um pouco maluco, mas se fosse esse o caso, então eu também era.

— É mesmo?

— Foi bonito. Fiquei com algumas ideias para o meu próprio funeral.

— Ainda vai demorar algum tempo — brinquei.

— Assim espero! Quem sabe então você venha para casa.

— Eu seria o assunto da cidade.

Ele riu, mas com certa amargura. Um sentimento que nós dois compartilhávamos. Afinal, fora aquele o motivo de eu ter ido embora da cidade. O motivo para eu não ter permanecido em Mairmont. O motivo para eu ter me mudado para o mais longe possível, onde ninguém sabia da minha história.

Porque, quando se resolve um assassinato aos treze anos de idade com a ajuda de fantasmas, os jornais publicam exatamente isto:

GAROTA LOCAL SOLUCIONA ASSASSINATO COM A AJUDA DE FANTASMAS

Dá para imaginar como esse tipo de coisa pode assombrar a vida de alguém. Eu não era exatamente uma garota popular no ensino médio e, depois do que aconteceu, não tive a menor chance de ser convidada para o baile de formatura. Carver e Alice não viam fantasmas, nem minha mãe e a irmã mais nova do meu pai, Liza. Só eu e o meu pai víamos.

Éramos os únicos que entendíamos.

Outra razão para eu estar melhor sozinha.

— Por favor, vai ver o dr. Martin na semana que vem... — comecei a dizer, mas ele me interrompeu.

— Ah, está chegando outra ligação. Falo com você logo, tá certo, minha flor? Não se esqueça de ligar para a sua mãe.

Suspirei, mais de resignação do que de tristeza.

— Amo você, pai.

— Eu te amo mais!

Ele desligou e eu finalmente percebi o funcionário da livraria me olhando irritado por eu estar sentada no banquinho. Eu me levantei, me desculpei por ter ocupado aquele espaço e segui rapidamente na direção do caixa.

Uma das poucas coisas boas do trabalho de ghostwriter era que eu podia pedir reembolso dos livros que comprava. Mesmo que nunca os lesse. Mesmo que os usasse para construir troncos de livros onde podia me sentar e chorar enquanto me servia de outra taça de Merlot.

Ainda assim valia a pena.

E aquela pequena injeção de serotonina *realmente* fez com que eu me sentisse com menos vontade de matar alguém. Enfiei os livros na bolsa e parti para a estação mais próxima, de volta para Jersey. Eram cerca de vinte minutos de caminhada até a estação da Ninth Street, mas a tarde estava ensolarada e o meu casaco era grosso o bastante para me proteger da despedida do frio da estação. Eu gostava de fazer longas caminhadas em Nova York. Normalmente me ajudavam a solucionar alguma questão no enredo de um livro, ou a resolver uma cena que não estava funcionando direito, mas nem todas as minhas caminhadas do último ano tinham conseguido forçar o meu cérebro a criar de novo, por mais que eu andasse. Nem mesmo naquele dia, às vésperas de tudo ir por água abaixo de vez.

Na Ninth Street, desci até o metrô. Como estava muito mais quente na estação do que do lado de fora, desabotoei o casaco e afrouxei o cachecol, para me refrescar enquanto descia os degraus de dois em dois.

O trem parou na plataforma e as portas se abriram. Entrei às cotoveladas no vagão lotado, me encostei na porta mais distante e ajeitei o corpo para encarar a longa viagem. O trem voltou a se mover, sacudindo lentamente para a frente e para trás, e fiquei olhando pelo vidro da porta, conforme as luzes passavam.

Não prestei atenção à mulher tremulando, transparente, a algumas pessoas de distância, ocupando de maneira improvável um espaço livre. Ela continuou a olhar intensamente para mim até o trem parar na estação seguinte, eu me sentar em um lugar recém-desocupado e sacar da bolsa um dos livros que acabara de comprar.

O meu pai teria odiado o que eu acabara de fazer. Ele teria me dito para dar uma chance à mulher. Para parar e ouvir a sua história.

Normalmente, tudo o que eles queriam era que alguém os escutasse.

Mas ignorei a fantasma, como havia feito durante os quase dez anos em Nova York. Era mais fácil quando estava cercada de gente. Eu conseguia simplesmente fingir que os fantasmas eram outras pessoas anônimas na multidão. Foi o que fiz, e quando o trem que saía de Manhattan passou por baixo do rio Hudson em direção a Nova Jersey, a fantasma tremulou uma última vez... e se foi.



Florence Day não acredita mais no amor nem em finais felizes. O problema é que ela é a ghostwriter de uma famosa autora de romances e, desde um término de namoro traumático, não sabe mais como finalizar seu próximo livro. Como seguir em frente se, para Florence, o amor está morto?

Quando seu novo editor, um homem incrivelmente lindo de um metro e noventa, não aceita estender seu prazo de entrega, Florence se prepara para dar adeus à carreira. Mas, ao ser surpreendida pela notícia do falecimento do pai, seus planos mudam por completo, e ela decide voltar para casa depois de dez anos longe para ajudar a família no funeral.

Por muito tempo, ela fugiu da cidade que nunca a compreendeu. Embora sinta falta das noites quentes da Carolina do Sul, da sua família excêntrica e amorosa e da funerária do pai, ela não consegue ficar ali. Ao retornar, também parece que nada mudou na cidade. E ela odeia isso.

No entanto, antes de sair correndo, Florence precisa lidar com algumas assombrações que rondam sua vida. Literalmente. Parado na porta da frente da funerária, ela encontra um fantasma alto e irritantemente bonito como sempre, que parece tão confuso quanto ela.

O romance com certeza está morto... e agora, pelo visto, seu novo editor também. E o assunto inacabado que ainda o prende na Terra fará com que ela duvide de tudo o que sabia sobre histórias de amor.

SAIBA MAIS:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1210/>

